

ENSINO DE LÍNGUA MATERNA E VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA: PERCEPÇÕES DOCENTES EM UMA ESCOLA PÚBLICA

*MOTHER TONGUE TEACHING AND LINGUISTIC VARIATION: TEACHER PERCEPTIONS
IN A PUBLIC SCHOOL*

Daniel dos Santos Teixeira¹

Isabel Santos Lima²

RESUMO: Este trabalho objetiva entender processo de ensino de língua materna, dado a percepção de docentes, acerca das variações linguísticas. Como metodologia empregou-se a pesquisa de campo, após estudos bibliográficos, em modelo qualitativo. Debruçamo-nos em estudos de Labov (2008), Bagno (2007-2015) e Bortoni-Ricardo (2005). Os resultados revelaram convergências entre pesquisas em sociolinguística e prática de ensino na escola pesquisada, bem como a necessidade de discussões sobre a temática na Educação Básica, também a necessidade de novas pesquisas na área.

Palavras-Chave: Língua materna. Variação linguística. Ensino.

ABSTRACT: This study aims to understand the process of teaching the mother tongue, based on teachers' perceptions regarding linguistic variations. The methodology employed was field research, following bibliographic studies, in a qualitative model. We focused on studies by Labov (2008), Bagno (2007-2015), and Bortoni-Ricardo (2005). The results revealed convergences between sociolinguistic research and teaching practices in the surveyed school, as well as the need for discussions on the topic in Basic Education, and the need for further research in the area.

Keywords: Mother tongue. Linguistic variation. Teaching.

1. INTRODUÇÃO

A sociolinguística é uma disciplina que analisa a ligação entre a linguagem e a sociedade, buscando compreender como os aspectos sociais, como gênero, classe social, idade, etnia e contexto cultural interferem na criação de variação linguística. Tem a ver com o modo no qual as pessoas falam em seu dia a dia. Seu objeto de estudo são as variações e as mudanças linguísticas. Para a Sociolinguística, “a variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e por fatores extralingüísticos” (Cezario; Voltre, 2018, p. 141).

Os primeiros registros científicos da sociolinguística ocorrem, efetivamente, com William Labov, com a publicação de Padrões Sociolinguísticos. Para Labov (2008, p. 215), “a língua é uma forma de comportamento social”. Estamos diante, pois, de uma ciência que lida com a língua como um sistema vivo, passível de mudanças e alterações.

¹ Mestrando em Letras / UESPI

² Graduanda em Letras/UEMA

É significativo lembrar que a sociolinguística não prescreve ou hierarquiza as diversas formas de falar. Enquanto se investigam as variações linguísticas, entende-se por que diversos grupos sociais falam de maneiras diferentes e quais as influências sociais por trás dessas variações, sempre evitando que o preconceito linguístico ocorra. Exemplifica Bagno (2023) que “ser humano é ser na linguagem, e ser na linguagem é empregar a linguagem como instrumento transformador da sociedade, e nossa sociedade machista, sexista e misógina precisa urgentemente ser transformada”³.

Uma das mais importantes áreas de estudo da sociolinguística são as variações linguísticas. Através da observação das diferentes formas de falar presentes em grupos sociais, procuram se entender por que fatores como classe social, contexto cultural, gênero e etnia conseguem passar a mudar as escolhas linguísticas das pessoas.

Assim, as variações são comuns em todos os níveis, e estão relacionadas a fatores culturais, históricos, sociais etc. Logo, assim como os jovens vivem inventando gírias, as pessoas idosas também falam de maneira diferentes. E, assim como os idosos não conseguem muitas das vezes compreender os dizeres dos adolescentes, esses também podem não compreender a linguagem das pessoas mais velhas, porque eles criam essas maneiras de falar de acordo com suas vivências. Acerca dessas diferenças, Bagno (2007) explica:

Assim como o uso do cachimbo deixa a boca torta, segundo o ditado popular, os usos da língua agem sobre ela: criam formas de expressão novas para novas situações; ativam possibilidades nunca dantes exploradas e até então consideradas agramaticais – como “imexível” do ex-ministro Magri ou as criações de Guimarães Rosa e de outros escritores; dão certas expressões o estatuto de modelos, criando formas prontas, expressões idiomáticas, clichês; elegem, entre um certo número de realizações possíveis, uma que, mesmo não sendo exclusiva, será preferencial (como dizer “João e Maria, evitando “Maria e João”); e assim por diante. (Bagno, 2007, p. 13)

Logo, a língua se adapta a novas situações, criando (ou não) expressões e palavras inéditas, inclusive aquelas que antes eram vistas como incorretas. Além disso, certos usos se tornam modelos, como expressões idiomáticas e clichês, e entre várias opções de expressão, algumas são preferidas pelos falantes a depender de suas motivações (linguísticas ou extralinguísticas). Assim, existe uma dinâmica na língua, pois ela é de natureza maleável e socialmente construída a partir da própria sociedade. Seu uso contínuo e variado contribui para a própria evolução e diversidade linguística.

Nesse sentido, entendemos que a sociolinguística tem um papel muito importante em sala de aula, visto que ela procura entender a ligação entre sociedade e linguagem. Se levarmos em conta diversidade linguística que existe, entendemos que todo aluno traz consigo conhecimentos linguísticos únicos, persuadidos por fatores sociais, culturais e históricos. Quando passamos a

³ Em discurso proferido em aula inaugural do curso de Letras da Universidade de Brasília, em 19 de setembro de 2023, intitulado “Ser humano é ser na linguagem”.

conhecer e valorizar as distintas variedades linguísticas que estão sempre em sala de aula, a educação, então, consegue proporcionar um espaço mais inclusivo e respeitoso, onde os discentes se sintam livres e acolhidos.

Esse cenário nos leva a compreensão de certos estigmas ligados ao ensino de língua materna. Isso porque a construção que se tem é de que as escolas não ensinam Língua Portuguesa como um fenômeno aberto e mutável. As instituições refletem o ensino da norma padrão, isto é, a norma que é associada a homogeneidade da língua que consta na gramática normativa (Lima; Freitag, 2010). Sobre isso, é válido lembrar a norma padrão está para a ideologia de homogeneidade da língua, o que a difere, por exemplo, da norma culta, que está ligada a valores sociais, sendo difundida na mídia e nos grandes centros (Freitag; Lima, 2010).

Almeida e Bortoni-Ricardo (2023) consideram necessário para a aplicação de um ensino baseado em sociolinguística em sala de aula os estudos das variações histórica, social, estilística e geográfica. Porém, a abertura dada aqui é que cada docente conhece sua realidade, logo, consideramos que cada professor deve medir esforços para a aplicação no trabalho docente selecionando criteriosamente o que é mais urgente.

O que se tenta entender, portanto, é qual o trato que se dá às variações linguísticas frente ao ensino de língua materna em escola. Sobre o tema, Bortoni-Ricardo (2005) evidencia que “a pergunta que deveríamos fazer, então, não é se as escolas são veículos eficientes de transmissão da língua-padrão, mas, sim, especificamente, se as escolas contribuem para que os alunos adquiram os estilos formais de língua” (Bortoni Ricardo, 2005, p. 182). Este trabalho, então, frente a todo esse cenário da sociolinguística educacional, trata do resultado final de uma pesquisa realizada no município de Colinas/MA, que entende a importância das variações linguísticas e busca verificar como elas são tratadas no ensino de língua portuguesa, dado que muitas vezes elas são desconsideradas no ensino.

Percebemos que não há trabalhos em relação a pesquisas sociolinguísticas no município, bem como não verificamos produções registradas em buscadores como o Google Acadêmico⁴ ou ao Repositório CAPES⁵ de Dissertações e Teses. Logo, entendemos a necessidade de pesquisar, registrar e publicar resultados para alavancar a produção científica local. Além disso, compreendemos que nossa justificativa envereda a importância de se discutir a variação linguística em sala de aula, uma vez que a fala, parte social da língua, muda constantemente e em espaços escolares precisa-se de maior atenção para que fenômenos como o preconceito linguístico não prevaleça.

Para tanto, partiu-se da pesquisa bibliográfica para a pesquisa de campo, através do instrumento de pesquisa “questionário” com os professores de língua portuguesa em uma escola de Colinas. A análise foi realizada conforme a observação dos que os autores dizem, confrontando suas ideias a realidade observada.

⁴ Disponível em: <https://scholar.google.com.br/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

⁵ Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

Dos objetivos que guiaram o nosso trabalho, elencamos como geral o seguinte: estudar como ocorre o processo de ensino de língua materna, com foco na observação do tratamento das variações linguísticas em sala de aula de uma escola de Colinas/MA. Dos específicos: compreender os sentidos de variação linguística e como são teorizados; analisar a funcionalidade do ensino de variação linguística em sala de aula; e verificar se o que autores de sociolinguística teorizam acerca do ensino de língua materna são concretizados em sala de aula.

2. DOS PASSOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi dividida em duas partes. A primeira foi um estudo bibliográfico, de caráter qualitativo, para a compreensão dos sentidos de língua, linguagem e variação linguística. Neste momento da pesquisa, recorreu-se a autores como Bagno (2007, 2015), Bortoni-Ricardo (2005), Labov (2008) e Abreu (2014), considerados essenciais para a compreensão geral de sociolinguística. Além disso, foi realizada pesquisa em duas bases de dados, o repositório Capes de Teses e Dissertações e no Google Acadêmico, para verificar estudos que se correlacionem com a pesquisa, nos últimos cinco anos. Ao final da pesquisa, verificou-se os autores que mais tinham correspondência com estudos sociolinguísticos.

A outra parte da pesquisa ocorreu por meio da pesquisa de campo, em pesquisa qualitativa. Esse passo se deu em dois momentos. O primeiro sendo de contato com a instituição de ensino em que se realizou a pesquisa, para depois o contato com os docentes de Língua Portuguesa. A pesquisa sucedeu-se no período de agosto de 2023 a dezembro de 2023.

O estudo se deu no Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia – IEMA Pleno Colinas. Da estrutura hierárquica da escola observou-se o que se consta no Regimento Geral do IEMA: a instituição possui três gestoras (uma geral, uma auxiliar pedagógica e uma auxiliar financeira e geral). Como se trata de uma nova localidade de ensino em Colinas – MA, isto é, a escola foi inaugurada em 2022, a escola possui apenas dois professores de língua portuguesa, com oito turmas, quatro de 1º ano do Ensino Médio e quatro do 2º ano do Ensino Médio.

Logo após, os professores foram selecionados. Aqui, a amostra é dois professores de língua portuguesa da instituição, pois a unidade foi inaugurada, de acordo com o site oficial do governo do estado do Maranhão, em 14 de outubro de 2021. Seu funcionamento oficial, com aulas, teve início apenas com o ano letivo de 2022. Nesse sentido, a escola possuía apenas quatro turmas de 1º ano e quatro de 2º ano do Ensino Médio.

Após a apresentação deste projeto de pesquisa, os professores, foram entrevistados. Eles foram informados sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, isso porque, segundo Abreu (2014), esse documento é essencial para manter a integridade da pessoa física que deve ser mantida em pesquisa com coleta de dados em Sociolinguística. O documento tem a finalidade de resguardar seus direitos a respeito da pesquisa, logo, é indispensável.

A entrevista se deu a partir de 2 momentos: caracterização dos docentes – com perguntas que levaram a descrição sobre como os docentes trabalhavam, componentes curriculares e turmas que lecionava; dados para a pesquisa – com perguntas sobre o acesso a materiais didáticos, como eles consideravam a variação linguística em sala de aula e como seus alunos agiam em diante mudanças linguísticas em sala de aula.

O questionário foi formulado de acordo com os parâmetros que buscávamos observar. Logo, propomos questões pertinentes que contemplasse nosso objetivo de pesquisa. Para isso, tivemos fundamentos em Abreu (2014), no que diz respeito as questões éticas da pesquisa, bem como no parecer de coleta de dados em sociolinguística.

Acerca do questionário utilizado, a primeira parte consistia no seguinte modelo:

Quadro 1: Modelo da parte 1 do questionário – Dados do entrevistado

Nome: (_____ opçional _____ – sem divulgação na pesquisa _____)

Formação acadêmica:

- a. () graduação
- b. () graduação e pós-graduação lato sensu
- c. () graduação e pós-graduação stricto sensu
- d. () graduação e pós-graduação latu e stricto sensu

Componentes curriculares trabalhados:

- a. () Língua portuguesa e Literatura
- b. () Produção Textual

Turmas trabalhadas:

- a. () 1º ano Ensino Médio
- b. () 2º ano Ensino Médio
- c. () 3º ano Ensino Médio

Trabalha algum outro componente curricular? Se sim, qual(is)?

- a. () não
- b. () sim, especificação: _____

Fonte: os autores, 2024.

A segunda parte do questionário, com as questões norteadoras da pesquisa, estão dispostas na seção seguinte deste trabalho, dispostas ao longo do texto, onde apresentamos os resultados que encontramos e as reflexões que construímos a partir das respostas dos entrevistados.

Ao final, todos os dados foram coletados e analisados para a obtenção dos resultados da pesquisa, que está direcionada a entender como é o funcionamento do modelo pedagógico

adoptado pelos docentes da escola, observando se estes validam, ou não, a noção das variações linguísticas no ensino de língua materna. Culminou-se, então, ao final, na escrita deste texto, com o fito de abrir-se novos leques para a pesquisa em variação linguística em Colinas/MA.

3. DAS DISCUSSÕES E RESULTADOS

A pesquisa foi realizada a partir dos procedimentos de pesquisa bibliográfica e de campo, em caráter qualitativo. Em uma primeira instância, foi realizada leitura do texto Padrões Sociolinguísticos, de Labov (2008), para o primeiro com os estudos sociolinguísticos. Logo após, os textos de Bagno (2007-2015) e Bortoni-Ricardo (2005) participaram das leituras seguidas.

A partir disso, foi realizado uma pesquisa nas plataformas Google Acadêmico e Repositório da Capes de Teses e Dissertações. Este momento ocorreu para se levantar considerações sobre a relação da sociolinguística com a sala de aula, além de verificar como é tratado por autores com trabalhos já finalizados e passados por bancas arbitrárias entendem essa relação. Nesse sentido, findamos esta parte selecionando as seguintes teses:

Tabela 1: Trabalhos relacionados a esta pesquisa

Autor	Título	Tipo de Pesquisa	Local de Publicação	Ano
DA SILVA, Maria do Livramento Paula	Variação linguística e ensino de língua materna a partir dos “causos” de Jessier Quirino.	Dissertação	Universidade Estadual da Paraíba	2019
ALVES, Bianca Bruna	Variação linguística, preconceito linguístico e bullying em uma escola estadual no município de Sinop – MT.	Dissertação	Universidade do Estado do Mato Grosso – Campus Sinop	2019
DA COSTA, Mariana Mendes Correa	Crenças e atitudes linguísticas de professores de Língua Portuguesa: a variação linguística na oralidade.	Dissertação	Universidade Federal de Ouro Preto	2019
COELHO, Carina de Almeida	O estudo da variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental: uma proposta contra o preconceito linguístico e social.	Dissertação	Universidade Federal de Juiz de Fora	2021
SANTOS, Micilane Nascimento	O tratamento da variação linguística no ensino de língua materna: um estudo (n)etnográfico em sala de aula.	Dissertação	Fundação Universidade Federal do Piauí	2021
SILVA, Carlos Eduardo Paula	A interculturalidade em sala de aula no contexto linguístico online interativo.	Dissertação	Centro Universitário Carioca	2021

Fonte: elaborado pela autora.

A partir da análise dos textos, selecionou-se ao final os textos de Alves (2019), Coelho (2021) e Santos (2021) para leitura cuidadosa, fichamento e compreensão final, pois esses textos mais se aproximam da nossa pesquisa. Constatou-se que os autores chegaram considerações parecidas, uma vez que eles consideram que o trato da variação linguística em sala deve ser, ao final, fomentado mais ainda acerca da reflexão das variações linguísticas em sala de aula.

Nesse sentido, entendemos que o espaço destinado a compreensão das variações linguísticas é, para os autores, de muita importância, uma vez que valida a forma de falar dos alunos ingressos nas escolas, pois ao chegar nessas instituições eles já fluentes em língua, porém com particularidades específicas, com suas variantes. É aqui que falamos dos estudos sociolinguísticos e suas contribuições para o ensino.

A principal influência dos estudos sociolinguísticos para a educação provém da ênfase veemente na premissa de que todas as variedades que compõem a ecologia linguística de uma comunidade, sejam elas línguas distintas ou dialetos de uma ou mais de uma língua, são funcionalmente comparáveis e essencialmente equivalentes. Nenhum deles é inherente inferior, e, portanto, seus falantes não podem ser considerados linguísticos ou culturalmente deficientes. (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 151).

Assim, os estudos sociolinguísticos influenciam a educação ao afirmar que todas as variedades linguísticas de uma comunidade são funcionalmente comparáveis equivalentes, isto é, nenhuma delas menor ou maior, inferior ou superior, mas sim diferentes. É nesse prisma que entendemos que as variações são fenômenos comuns nas línguas. A fala de Bortoni-Ricardo (2005) deixa claro a relação direta dos estudos sociolinguísticos com a educação, considerando essas pesquisas essenciais, principalmente no combate ao preconceito linguístico.

3.1. DA PESQUISA DE CAMPO: COLETA, ANÁLISE E RESULTADOS

Os passos seguintes do projeto deram-se por meio da pesquisa de campo. Realizada no “Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia de Colinas – IEMA – Unidade Plena Maria das Graças Saraiva”, a pesquisa foi realizada em dois momentos: a visita ao estabelecimento de ensino, com a apresentação do projeto, e, logo após, a seleção dos professores e entrevista deles para a coleta de dados.

A coleta de dados se deu com entrevista, com perguntas direcionadas para a entender como funciona o modelo pedagógico de ensino de língua portuguesa adotado pelos docentes, verificando qual o tratamento é dado as variações linguísticas nas aulas de língua materna. Nesse momento, foi também apresentado aos professores o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, esclarecendo-se também qual o objetivo da pesquisa, os traços metodológicos e a instituição a qual ela está vinculada.

Da parte de identificação do formulário, verificamos, de início, o perfil dos professores. Chamaremos aqui eles de Docente 1 e Docente 2, sendo o primeiro aquele que trabalha com

4 turmas de 1º ano, e o outro que ministra aulas em 4 turmas de 2º ano do Ensino Médio⁶. Os dois docentes ministram aulas dos seguintes componentes curriculares: “Língua portuguesa e literatura” e “Produção textual”.

A primeira e segunda questão do questionário dizem respeito a oferta de livros didáticos para o trabalho docente. Nesse primeiro momento já identificamos uma discrepância ao observar o Docente 1 possuía junto a seus alunos material didático dos componentes curriculares, mas o Docente 2 não. Esse primeiro ponto já uma um paradigma em relação as aulas, pois como o Estado não oferta materiais a todos, entendemos que pode haver quebra na relação dialógica entre os docentes e o conhecimento construídos pelos discentes. O que levou a questão sobre o uso do livro didático, que para o Docente 1 é de uso constante, e para o outro não, já que não existe.

Em sequência, os Docentes marcaram como “intermediário” o conhecimento prévio acerca de língua e literatura dos alunos. O diagnóstico precede várias questões, mas ainda associamos esse conhecimento prévio como intermediário a construção dos anos futuros na escola, pois, novamente, há escassez de materiais didáticos ao Docente 2 e seus alunos.

No item que indaga sobre a presença de objetos de conhecimento sobre variação linguística nos livros didáticos, percebeu-se que os dois docentes marcaram não haver. O que se esperava do Docente 2, já que esse não possui material; mas no caso do Docente 1, ao marcar sobre inexistência de conteúdos de variação, compreendemos, de antemão, que o estudo das variações linguísticas não faz parte do dia a dia das turmas.

Esse primeiro momento, de identificação do perfil dos docentes, funcionou para entender como é dinâmica das aulas dos professores com os alunos. Na parte seguinte do questionário, a indagação foi a respeito da percepção dos docentes sobre a variação linguística. Nesse momento, a pergunta “O que você considera que seja variação linguística?” foi respondida da seguinte forma:

Docente 1: *São os processos contínuos de transformação de uma língua em decorrência de inúmeros fatores que são próprios das relações humanas.*

Docente 2: *São as diferentes formas de falar um idioma.*

A fala dos docentes remete a conhecimentos já entendidos pela sociolinguística. Consideramos, entretanto, que as respostas poderiam apresentar mais abordagens a respeito da língua. Isso porque considera-se a língua um sistema organizado, mas que varia (Coelho *et al*, 2015). As respostas, portanto, por considerarem as variações linguísticas como processos de transformações na língua e diferentes formas de falar, estão no campo da superficialidade.

⁶ Até o final do ano letivo de 2023, o IEMA Pleno Colinas possuía apenas 1º e 2º ano do Ensino Médio, pois a proposta da escola é a de ensino técnico, onde a formação do aluno não pode ocorrer de forma isolada, por apenas um ou dois anos. Logo, a escola terá apenas as três turmas em 2024.

Os dois pontos seguintes do questionário direcionam indagações sobre os discentes. As questões foram: “os alunos possuem formas de falar diferentes?” e “você faz atividades que retomam a forma de falar dos alunos?”. Nesse momento, os docentes responderam que sim. O que já revela certa preocupação em valorizar a fala dos discentes.

Nos pontos seguintes buscamos observar se há representação da fala por meio da escrita, com o fito de entender como funciona o trabalho docente frente a isso. Aqui, duas questões foram levantadas. A primeira era se os alunos escrevem como falam. E a segunda como os docentes lidavam com essa situação. Os docentes tiveram respostas diferentes. O Docente 1 respondeu que seus alunos escrevem como falam, já o Docente 2 não. Mas quando buscamos entender essa relação no questionamento seguinte, como eles lidavam, obtemos o seguinte:

Docente 1: *Poucos estudantes ainda escrevem alguns vocábulos de acordo com sua fala. Nestes casos, faço as observações diretamente na atividade do aluno e durante a correção dos exercícios, reforço os pontos de atenção.*

Docente 2: *Sempre explico a importância e diferença da linguagem coloquial e norma culta.*

Há, pois, preocupação dos docentes em apresentar a norma padrão e norma culta aos alunos. Mas observamos apenas a exaltação de variantes na fala do Docente 2, que demonstra em sua fala a preocupação com a linguagem coloquial. Ressaltamos aqui que entendemos que entre norma padrão e norma culta há diferenças. Esse posicionamento nos leva novamente a percepção entre norma padrão e norma culta, sendo a primeira associada a uma língua homogênea, e a segunda estando intrinsecamente ligada a valores sociais. A disparidade entre as duas, segundo Freitag e Lima (2010), concentra-se principalmente no caráter social que atribuímos à língua e a um parâmetro entre certo e errado.

No passo seguinte, a questão levantada era sobre como o objeto de conhecimento de variação linguística era trabalhada em sala de aula e se os docentes consideravam importante ter esse objeto de conhecimento como parte de seu trabalho pedagógico.

Acerca da pergunta “como você trabalha o objeto de conhecimento variação linguística?” as respostas dadas foram as seguintes:

Docente 1: *As aulas são trabalhadas por meio de material visual (slides), vídeos (curta-metragem, documentários, trecho de filmes); a vivência do aluno no seu cotidiano, nos vários contextos nos quais está inserido para que possa compreender melhor a sua fala e as necessidades de ajustes de acordo com o ambiente, tanto na escrita como na oralidade.*

Docente 2: *Gosto de trabalhar com charges, vídeo, músicas. É um tema que permite uma aula bem dinâmica.*

Já no outro questionamento, “Você considera o ensino respeitando as variações linguísticas necessárias? Por quê?”, as respostas dadas foram estas:

Docente 1: Considero fundamental o ensino da variação linguística, tendo em vista que é importantíssimo que compreendamos o porquê de falarmos de maneira diferente dependendo do ambiente no qual nos encontramos.

Docente 2: Eu não acho.

Neste momento, preferimos uma análise comparativa entre as respostas dadas. Ao observamos o Docente 1, observamos uma construção de diálogo entre conteúdos e vivências para o discente. Por ele considerar fundamental o ensino de língua materna em que se apresente variações linguísticas, assim, encontramos uma perspectiva mais favorável, sugerindo um conhecimento mais profundo acerca da língua, variação e ensino.

De um outro lado, com a utilização de metodologias próximas ao do primeiro docente, observamos um ponto de vista diferente em relação as variações linguísticas. Ao não considerar o ensino que respeita as variações linguísticas, entendemos uma percepção do Docente 2 distante entre o ensino de língua e o uso oral da língua – a fala. Nós recorremos à fala de Almeida & Bortoni-Ricardo (2023) para explicar a necessidade de isso não ocorrer:

O estudo da língua não deve vir dissociado da cultura do grupo que a utiliza, o que muito pode contribuir para o ensino de língua na escola, uma vez que o professor, ao se propor a ensinar a Língua Portuguesa nas escolas brasileiras de acordo com essa premissa, deve repensar toda sua postura relativa à língua, considerando a forma linguística e os aspectos culturais dos alunos com que vai lidar. (Almeida; Botoni Ricardo, 2023, p. 15-16)

Portanto, o estudo da língua deve estar integrado à cultura dos grupos que a utilizam. Isso é importante para o ensino de língua portuguesa nas escolas, pois o professor, no processo de ensinar e aprender, deve reavaliar sua abordagem, levando em conta não apenas as formas linguísticas, mas também os aspectos culturais dos discentes. Nesse prisma, é indispensável pensar que toda língua varia muda (Bagno, 2015). Logo, as variações linguísticas ocorrem em todos os contextos sociais e em todas as culturas. Assim, entende-se que os resultados dessa didática, para o Docente 2, que não considera importante validar o respeito as variações em sala de aula, podem resultar no preconceito linguístico. Porém, este trabalho não tem a finalidade apresentar resultados das didáticas na escola, mas fazer, de início, um diagnóstico. Logo, ao observar a funcionalidade do ensino da variação no instituto, obtemos visões diferentes dos docentes de língua portuguesa.

Logo, concluímos que, até o ano de 2023, o processo de ensino da língua materna no Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IEMA Pleno Colinas, abrangendo as turmas do 1º e 2º ano do Ensino Médio, aborda as variações linguísticas em sala de aula e as reconhece parcialmente. Torna-se evidente, portanto, a necessidade de uma abordagem renovada para que todo o espectro sociolinguístico seja devidamente contemplado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociolinguística desempenha importante e significativo papel no contexto educacional, investigando a interação entre linguagem e sociedade. Ao investigá-la por um campo da educação, a sociolinguística educacional, percebemos a importância do devido tratamento às variações linguísticas. Este estudo teve o fito de compreender como ocorre o processo de ensino de língua materna, observando o trato que é dado às variações em sala de aula em Colinas/MA.

Nesse sentido, entendemos que a escola escolhida obtém significativo trato às variações, porém ainda não suficiente para entrelaçar os estudos sobre variação, língua e ensino. Isso porque as variações ainda não ocupam significativo papel no processo de ensino-aprendizagem na escola pesquisada.

Por fim, os objetivos desta pesquisa foram alcançados, pois compreendeu-se os sentidos de variações linguísticas e como eles são teorizadas. De acordo com a percepção ao longo da pesquisa, viu-se uma abordagem que estuda esses fenômenos dentro da língua. No que tange a compreensão dos sentidos de variação linguísticas, as pesquisas evidenciam uma teorização profunda, sendo eles explicadas, principalmente neste trabalho, por Bagno (2007-2015) e Bortoni-Ricardo (2005).

A investigação da funcionalidade do ensino de variação linguística em sala de aula revelou *insights* cruciais sobre a implementação prática desses conceitos, demonstrando não apenas a importância teórica, mas também sua relevância tangível no contexto educacional. Além disso, ao confrontar as teorias sociolinguísticas com a realidade do ensino de língua materna, identificamos convergências e discrepâncias, proporcionando uma visão crítica e informada sobre a efetiva concretização desses princípios na prática pedagógica.

Portanto, esses resultados reforçam a necessidade contínua de uma abordagem reflexiva e adaptativa no ensino da variação linguística, garantindo que as teorias sociolinguísticas se traduzam efetivamente em práticas educacionais enriquecedoras e inclusivas. Este trabalho, inclusive, abre novas perspectivas para futuras pesquisas na escola escolhida, como também em outras instituições de ensino de Colinas/MA.

REFERÊNCIAS

ABREU, Ricardo Nascimento. Aspectos legais envolvidos na coleta de dados linguísticos. In: FREITAG, Raquel Meister Ko. *Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística*. – São Paulo: Blucher, 2014.

ALMEIDA, Joyce Elaine de; BORTONI-RICARDO, Stella Maria. *Variação linguística na escola*. – São Paulo: Contexto, 2023.

ALVES, Bianca Bruna. *Variação linguística, preconceito linguístico e bullying em uma escola estadual no município de Sinop – MT*, 2019. 82f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS)

Universidade do Estado do Mato Grosso – Campus Sinop – UEMT, Sipon – MT, 2019.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 17. ed., 4º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegoumu na escola, e agora? Sociolinguística e Educação*. - São Paulo, Parábola, 2005.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de linguística*. 2. ed., 6º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018. pp. 141-156.

COELHO, Carina De Almeida. *O estudo da variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental: uma proposta contra o preconceito linguístico e social*, 2021. 182f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS). Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Juiz de Fora – MG, 2021.

COELHO, Izete Lehmkuhl; et al. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo; Contexto, 2015.

FREITAG, Raquel Meister Ko. *Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística*. - São Paulo: Blucher, 2014. Cap. 1, pp. 7-17.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; LIMA, Geralda de Oliveira Santos. *Sociolinguística*. - São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno; et al. São Paulo Parábola Editorial, 2008 [1972].

REGIMENTO GERAL/ IEMA. Disponível em: <https://iema.ma.gov.br/wp-content/uploads/2022/11/Regimento-Geral-Iema-Aprovado-em-08.04.16.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2024.

SANTOS, Micilane Nascimento. *O tratamento da variação linguística no ensino de língua materna: um estudo (n)etnográfico em sala de aula*, 2021. 127f. Dissertação (Mestrado em Letras). Fundação Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina – PI, 2021.